

Ideais na adolescência:

diálogo entre psicanálise e outros saberes

Tiago Corbisier Matheus

O adolescente, ao buscar caminhos próprios frente à herança recebida, realiza um trabalho psíquico que culmina numa *formação de compromisso* em relação às gerações antecedentes.

Pensar em adolescência implica, necessariamente, a consideração de seu contexto histórico e social: a adolescência é um trabalho psíquico resultante, sobretudo, da insuficiência de dispositivos que cumpram a função de rituais iniciáticos, fenômeno característico da modernidade. Ruffino, em sua leitura sobre este processo, resgata o trabalho de Ariés para mostrar o quanto na modernidade recai sobre o indivíduo algo que era próprio de uma coletividade¹. Os rituais serviam como dispositivos reconhecidos pela coletividade que legitimavam a passagem do universo infantil ao adulto. No momento em que estes dispositivos deixam de existir ou já não são reconhecidos como tais, é exigido um trabalho psíquico – portanto singular – que articule as questões que aí surgem. Com a modernidade, as referências tornam-se menos claras e novas exigências aumentam a distância entre a infância e o mundo adulto. Se, por um lado, o desenvolvimento intenso dos meios de comunicação das últimas décadas

pode ter oferecido um maior volume de informações aos adolescentes, isso não significa maior clareza do que é esperado dele, muito pelo contrário. O trabalho psíquico frente à questão – “O que o Outro quer de mim?” – parece tanto mais árido quanto maior tem sido a *idealização* que permeia o olhar sobre o *jovem* e sobre quem pode ser reconhecido como membro do corpo social. A complexidade da tarefa adolescente em produzir individualmente esta transposição do infantil ao adulto, tal como tem se mostrado atualmente, parece expor, de alguma forma, questões relativas ao próprio laço social em nossa cultura.

Tiago Corbisier Matheus é psicanalista, mestre em Psicologia Social pela USP, membro do Núcleo Sociedade e Psicanálise da PUC-SP, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor da UNIP. Uma versão preliminar deste texto foi publicada nos anais do Congresso “O Adolescente e a Modernidade” – Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1999. O desenvolvimento deste trabalho encontra-se na publicação *Ideais na adolescência: falta (d) e perspectivas na virada do século*, São Paulo, Annablume, 2002.

Ruffino aponta a emergência de dois fatores como exigências para o trabalho psíquico adolescente: um da ordem da puberdade e outro relativo às relações interpessoais. Com a puberdade², há uma intensificação do pulsional, e conseqüente produção de estranheza do próprio corpo, desconhecido. Frente à angústia que surge, é necessário produzir significantes que operem a *ancoragem* deste pulsional no universo psíquico. A intensificação deste pulsional no entanto, não se deve apenas aos desdobramentos psíquicos decorrentes de transformações fisiológicas; na medida em que é com o olhar do outro que se produz, no adolescente, a imagem de um corpo (próprio) outro, alheio, estranho. É com o olhar (reflexo³) do outro que a intensificação do pulsional surge como estranheza (puberdade), como processos implicados mutuamente e que, a partir de então, exigirão o trabalho psíquico de significação deste algo inusitado e indeterminado.

A análise de Missenard sobre o estágio do espelho⁴ nos dá pistas acerca da sobreposição de imagens que se produz neste momento adolescente. Na infância, a imagem idealizada de si surge, para a criança, não somente como suplência da falta (do amor) da mãe, mas também das ocorrências mortíferas que atravessam a relação. A experiência da fantasia de completude mãe-filho termina quando surge uma fissura na realização fálica da mãe, o que a faz olhar a criança de forma diferente. É quando reaparece, na mãe, o interesse por alguém outro que não o bebê-majestade. A criança, que à mãe parecia ser sua fonte de realização plena, não cumpre mais sua *função*. Enquanto projeto fálico frustrado, a criança pode ser também, neste momento, objeto do ataque materno, até então encoberto. Portanto não está em jogo apenas o deslocamento de objetos sexuais maternos. Os desejos de morte ou abandono podem aparecer e

permitir a saída da criança deste lugar beatificado.

Para a criança, a imagem produzida no espelho é tanto a possibilidade de reencontro com o objeto amado, quanto a possibilidade de conquistar sua autonomia frente a ele e, assim, atacar aquele que o subjugava. No entanto, ao buscar a autonomia, a criança se coloca diante daquilo do qual quer independência: a imagem espe(ta)cular surge a partir dos fragmentos da imagem materna e da imagem que a própria mãe lhe anunciou⁵. Esta imagem se mostra então como *formação de compromisso* tanto entre as vivências de prazer e as forças destrutivas que ocorreram nesta relação, quanto entre os fragmentos de imagens dela própria e da mãe que lhe restaram.

nova imagem. Mesmo sem compreendê-la, ela lhe evidencia a perda da condição infantil e suas conquistas, juntamente com a sedutora fantasia da conquista da (tão esperada) onipotência parental. A nova imagem de si impõe a morte da imagem anterior, cultuada pelo narcisismo parental, de uma criança que reinou. Tal perda exige um luto, que procura suprir de alguma forma a ausência desta imagem de um eu ideal. Mas, também por isso, este mesmo eu idealizado será reeditado nesta nova imagem, sob a forma de alguém que (quem sabe?) pode cumprir a reiterada promessa: "quando você crescer". Terá chegado o momento em que a *passagem ao ato*⁶ tornou-se possível? A imagem projetada de um eu idealizado procura apagar a falta e evi-

A intensificação do pulsional
na adolescência produz uma estranheza do próprio
corpo. Frente à angústia que surge,
é necessário produzir
significantes que operem a ancoragem deste
pulsional no universo psíquico.

As *ausências* vividas pelo adolescente e a estranheza que a puberdade lhe impõe o colocam *novamente* diante de um espelho. É o espelho do olhar do outro, que permite ao adolescente perceber sua

tar a falência ao oferecer a promessa de potência.

No entanto, o limiar que separa a realização da promessa onipotente e a queda é estreito. Se a nova imagem atualiza a fantasia de auto-

nomia do adolescente, que o libertaria do jugo parental, tal fantasia se sustenta na própria predição (onipotente) parental, que por sua vez, há que se notar, fazia parte do universo infantil que há pouco se perdeu. É inevitável então a vertigem: a altura imaginariamente conquistada implica desamparo, e a promissora autonomia se mostra falaciosa. Esta incerteza é que pode explicar de que forma o universo adolescente, ao mesmo tempo que grita pela afirmação de uma (ainda insustentável) independência, está marcada pela premência da palavra do outro. O adolescente, então, contraditoriamente, se pergunta, como caminho inevitável à conquista de sua autonomia – “O que o Outro quer de mim?”.

A pergunta que faz a si mesmo sobre as condições para sua autonomia, o remete de volta àquele de quem quer se distanciar. Morte ao outro, outro tão imprescindível... A imagem vai assim mostrando sua multiplicidade significativa, ao refletir, a cada passo, novos desdobramentos. Se por um lado representa vida, enquanto reposição de uma ausência, enquanto realização de uma fantasia própria e do ideal parental, por outro, é morte, perda irreparável de uma condição infantil idealizada e ataque à imagem parental, que o subjugou com seus caprichos e idealizações⁷. É a partir disto que o trabalho psíquico a ser feito compreende tanto o luto, quanto algo da melancolia. O luto surge do movimento de suprir a falta reinstalada e o traço melancólico, do abandono do anseio de suprir esta falta⁸ (naquilo que esta possui de inevitável), fazendo o indivíduo compartilhar do mal-estar que exige a condição social. Eis o doloroso percurso da (cultuada⁹) adolescência.

A duplicidade também ocorre do ponto de vista dos pais, que vêem outra imagem no filho, que por sua vez traz tanto a concretização de um ideal antigo, quanto

o anúncio de sua morte enquanto lugar de autoridade e ascendência sobre o filho. Também do ponto de vista dos pais há uma atualização da ambivalência do conteúdo infantil, que encontra, após a infância dos filhos, outra oportunidade de exposição. Daí que desejos de morte e abandono dos pais sobre os filhos devem também reacender, frente ao

falência do eu ideal narcísico. Tais marcas, na medida em que são ressignificadas, podem transformar os estilhaços em partes de um projeto futuro, reconhecidamente distinto do aqui e agora, que é o ideal de eu. Neste, surge o projeto de constituição de uma *nova* imagem, sempre incompleta, fragmentada, que permite o *vir a ser* do sujeito.

Na conquista de sua autonomia, o adolescente está marcado pela pergunta que faz a si mesmo: “O que o outro quer de mim?” Essa pergunta o remete de volta àquele de quem quis se distanciar. Tanto o luto quanto a melancolia farão parte do trabalho psíquico a ser realizado.

imminente abandono dos filhos em relação aos pais.

Tais desejos, ainda que possam ter conseqüências dolorosas para cada personagem desta história, podem ser imprescindíveis para que a reedição da castração seja possível. O adolescente, acuado pela vertigem da nova condição, depende do amor e também de certa rejeição parental, a fim de fazer sua passagem e buscar novos substitutos. Não é por acaso que muitas são as *quedas* que costumam ocorrer neste reaprender a caminhar. São momentos em que a imagem especular ideal se estilhaça, salientando a fragmentação das marcas identificatórias, que assim passam pela

É neste sentido que, enquanto projeto mutante, o ideal de eu surge como formação de compromisso das ambivalências tanto paternas quanto dos próprios filhos, dos assassinatos mútuos e das reposições produzidas, dos ideais narcísicos e de sua negação. Se por um lado a constituição dos ideais para o adolescente surge a partir da realização de um ideal parental, tal realização em si implica a morte do próprio adolescente¹⁰. É preciso, de alguma forma, negar a herança parental para se manter vivo, como sujeito emergente. Mas o ideal de eu só tem como se produzir a partir da marca deixada e, por isso, ele se mostra tanto como afirmação quanto como

negação do ideal parental, como expressão do amor e também do assassinato dos pais, cometido pelos filhos.

A busca do adolescente por outros modelos fora do contexto familiar reedita a duplicidade dos ideais adolescentes, como afirmação e negação dos ideais paternos. Ou-

qual o adolescente se relaciona, então, tende assim a se diversificar, fazendo do adolescente, em certo sentido, ponto de cruzamento de redes de relações sociais. Curiosamente, sua condição ainda de aspirante a membro do universo adulto, e portanto não reconhecido como tal, é contraposta a este lugar

verso infantil ao adulto e, também, como expressão de determinadas questões sociais que estão ali depositadas e, de alguma forma, reformuladas por estes sujeitos em seu questionamento¹². Sob esta perspectiva, a adolescência se mostra como uma problemática que transita na fronteira do campo psicanalítico¹³, favorecendo, dada a complexidade da questão, a abertura de um diálogo com outros saberes.

Os ideais dos adolescentes surgem então como formação de compromisso, não somente dos enlaces e confrontos entre pais e filhos, mas enquanto singularidades produzidas no confronto entre gerações¹⁴. Cada ideal de eu seria uma metáfora da inconstante formação de compromisso entre ideais da geração precedente e sua negação, nas diversas particularidades que esta contradição possa produzir. Enquanto produção sintomática, esta formação de compromisso carrega tanto a tentativa de realização do recalcado quanto o incômodo de seu deslocamento. Daí o adolescente ser visto contrariamente, num determinado momento, como perspectiva de futuro ou ferida narcísica, rebelde ou alienado¹⁵. A contradição não se encontra estritamente no adolescente, nem somente no olhar do adulto que procura lhe dar escuta, mas pode ser vista na multideterminação do sintoma que se produz no conflito entre gerações, sendo os ideais um deles. O conceito de formação de compromisso, articulado a esta problemática, permite assim que diversos determinantes sejam considerados mas não superestimados, procurando lembrar os deslocamentos que possam aí ocorrer. Torna-se possível questionar sobre o que é do social que estaria sendo depositado nos adolescentes e o que desta deposição passa a ser discurso destes emergentes.

Nos campos da historiografia e da sociologia, alguns autores vêm trabalhando sob a perspectiva de tomar a juventude como expressão

Rassial fala dos adolescentes como suportes do sintoma em sua dimensão dupla, ao mesmo tempo individual e social. Cabe deixar claro que a falência não é dos ritos, mas do sentido que em determinado momento adquiriram no corpo social.

tros modelos surgem aos olhos dos adolescentes como alternativa à exclusividade do ideal parental, mas inevitavelmente estes são tomados a partir do modelo parental precocemente constituído. Na medida em que o adolescente descobre a correlação entre os pais e seus substitutos, os novos modelos passam também a ser alvos de ataque, sendo também assassinados e deixando sucessivamente suas marcas, mais uma vez, afirmativa ou negativamente.

Ainda que, de certo ponto de vista, o adolescente (assim como os demais) nunca possa deixar de lado o modelo familiar que o constituiu, ao buscar substitutos parentais, seu campo de relações se expande para além do primeiro. Este *outro* com o

de interseção na rede de relações sociais. Pode-se dizer que, exatamente por estar em suspenso seu reconhecimento neste novo universo, sua condição incerta o faz construir esta diversidade de novos enlaces. É por isso que Rassial fala do adolescente como sintoma social, pois "recoloca também em questão a identidade dos pais, a identidade do conjunto como casal social, e interroga imediatamente o laço social em sua totalidade. *Os adolescentes são suportes do sintoma em sua dimensão dupla, ao mesmo tempo individual e social*"¹¹.

Portanto, a adolescência se mostra como um processo duplamente histórico: enquanto resultante da falência da função dos ritos como articuladores da passagem do uni-

de determinados aspectos da cultura da qual fazem parte. Não se trata de dizer que o jovem é o futuro da sociedade, nem sua expressão mais legítima¹⁶, mas que sua inquietação de alguma forma procura elaborar conflitos ou tensões presentes na cultura vigente. O trabalho de Abramo, por exemplo, defende a possibilidade de que grupos juvenis "sejam interpretados como sub-culturas juvenis referidas à cultura da classe da qual os grupos são originários", e neste sentido, "são vistas como modos de elaboração e projeção de respostas culturais aos problemas colocados pela especificidade do grupo no interior da classe de origem"¹⁷. Esta elaboração que

A perspectiva de análise de grupos juvenis em relação à cultura, além do recorte horizontal, num mesmo momento histórico, também é possível a partir de um recorte vertical, com a noção de geração em sentido ampliado. Abramo concebe geração como sendo "pessoas de um mesmo grupo etário (que) têm uma localização comum na dimensão histórica do processo social"¹⁹, o que permite relacionar diferentes momentos de uma cultura. Cada geração estabelece, não só com sua cultura de origem, mas também com gerações anteriores uma relação de afirmação e oposição, de forma que o manifesto na nova geração tende a gerar o incô-

ca" no início dos anos 90. A autora lembra que "embora seja preciso tomar cuidado com generalizações e clichês..., estas representações sucessivas são indicadores não só entre os jovens em questão, da qualidade dos laços entre os cidadãos e a política assim como os interesses dominantes que estão em jogo na sociedade"²⁰.

Perceber os adolescentes dos anos 90 como *realistas* e *pragmáticos* nos permite, por exemplo, escutar seu discurso como expressão da falta de credibilidade na política e em mudanças sociais significativas de nossa cultura atual²¹. A crença em pequenas ações, humanitárias ou de cunho ecológico, frequente nesta nova geração, como assinala Müxel²², surge em oposição à suposta despolitização da geração dos anos 70 e da ambição dos anos 60. No entanto carrega a crença na possibilidade de mudança defendida nos anos 60 e certo ceticismo dos anos 70.

Outros autores vêem como característica primeira da geração de 90 a violência e o desregramento, ou ainda, à semelhança da geração de 50, uma rebeldia "sem causa"²³. O diagnóstico corre o risco de funcionar como encobridor, na medida em que desloca a violência e desregramento da própria cultura para a juventude, que então teria que arcar com questões que a transcendem. Ainda assim, se estes traços estão de alguma forma presentes em alguns membros desta geração, sua violência pode de fato ocorrer como potencialização de um traço cultural negado. No "desregramento" de sua atitude estaria a erupção de uma cúmplice corrupção conservadora que sustenta o sistema. Já num recorte vertical, a rebeldia de 90 poderia ser vista como reação frente à (suposta) apatia e alienação dos anos 80 e, a violência, como oposição e horror à mensagem de que "o sonho acabou", de 60. É ilustrativo, ainda que trágico, que na versão de Woodstock

Cada geração estabelece, não só com sua cultura de origem, mas também com as gerações anteriores, uma relação de afirmação e oposição, de forma que o manifesto na nova geração tende a gerar na anterior um incômodo, pela expressão de um recalcado.

a sub-cultura representa envolve uma posição *ativa* de jovens, onde se percebe a atitude de oposição e/ou reafirmação destes, frente ao que lhes foi transmitido. No dizer de Abramo, as sub-culturas são "formas de negociação e resistência frente à cultura dominante"¹⁸.

modo, na anterior, pela expressão de um recalcado.

De acordo com Müxel, nos anos 60 a juventude era caracterizada como "engajada e politizada, depois 'apática' e 'despolitizada' no decorrer dos anos 70 até os finais dos anos 80...", e como "realista e pragmáti-

(99) o incômodo não tenha vindo pelo "amor livre" como palavra de ordem, mas pela destrutividade de um incêndio que se alastra²⁴, deixando com um ato, mais cinzas que palavras. A juventude, tal como a adolescência, assusta e incomoda,

dimensões do sujeito que surgem na transferência. Pensar o adolescente frente à modernidade é ampliar a escuta para além do *setting* analítico, fazendo da psicanálise não um saber único, último, mas instrumento essencial para a compreen-

Pensar o adolescente frente à modernidade é ampliar a escuta para além do *setting* analítico, fazendo da psicanálise não um saber único, último, mas instrumento essencial para a compreensão das questões que surgem na complexidade de nossa cultura.

pois como se sabe, só assim o sintoma cumpre sua função.

Como formação de compromisso, tais traços – realista e pragmático, rebeldia e desregramento – se mostram como ressignificações de uma herança recebida, que ao ser modificada, marca a possibilidade de estes candidatos a novos membros do universo adulto se colocarem como sujeitos, oferecendo aos demais um *projeto de mudança* para o coletivo. Sabe-se, no entanto, que toda possibilidade de mudança encontra resistência no corpo instituído e que resta a cada nova geração um lugar incômodo a ocupar.

Olhar a clínica levando em consideração o contexto em que está inserida é poder pensar nas outras

são das questões que surgem na complexidade de nossa cultura. Longe de tentar fazer uma análise sobre a geração dos anos 90, este trabalho procurou oferecer outra maneira de olhar a questão adolescente, em sua articulação intrínseca com o universo coletivo em que está inserida. ■

NOTAS

1. R. Ruffino, "Sobre o Lugar da Adolescência na Teoria do Sujeito", in *Adolescência - Abordagem Psicanalítica*, coord. C. R. Rappaport, São Paulo, EPU, 1993, p. 36.

2. Puberdade enquanto "marca da insistência da corporalidade (e) presentificação psíquica do pulsional". R. Ruffino, "Adolescência e Puberdade", *Boletim de Novidades da Pulsional*, nº 95, Março de 1997, p. 44.
3. No sentido de que o olhar do outro, como no estádio do espelho, apresenta ao adolescente sua própria imagem.
4. A. Missenard, "Du narcissisme dans les groupes", in *Le Travail Psychanalytique dans les groupes*; R. Kaes et al, Paris, Dunod, 1982.
5. A. Missenard, *op. cit.*, p. 5.
6. Passagem ao ato no sentido de evitar suportar o desejo e poder gozar, numa ação.
7. A. Missenard, *op. cit.*, p. 10.
8. R. Ruffino, "Adolescência: notas em torno de um impasse", *Revista da Ass. Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, ano V, nº 11, Novembro de 1995, p. 43.
9. Note-se, por exemplo, o aumento do espaço dado na publicidade a modelos com idades em torno de 13 a 15 anos.
10. J. Betts, "Missão Impossível": Sexo, Educação e Ficção Científica, in *Educa-se Uma Criança?*, Porto Alegre, Ofícios APPA, 1994, p. 53.
11. Entrevista com J. J. Rassial, *Revista APPOA*, nº 11. Grifo meu.
12. Ruffino fala da adolescência como "fenômeno de dupla face – histórico e psíquico" - R. Ruffino, *op. cit.*, p. 43. Cabe deixar claro que a falência não é dos ritos, mas do sentido que em determinado momento obtiveram no corpo social.
13. Também defende esta posição R. Ruffino, *op. cit.*, p. 30.
14. Geração tanto num sentido estrito, familiar, quanto no sentido amplo, enquanto coletividade. Ver adiante.
15. H. Abramo, *Cenas Juvenis - punks e darks no espetáculo urbano*, São Paulo, Scritta, 1994; p. 23.
16. Como alerta L. Passerini, "A Juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália Fascista e os Estados Unidos da década de 1950", in *História dos Jovens*, vol. 2, G. Levi, J-C Schmitt (orgs.), São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 374. A vertente da sociologia e historiografia privilegia a noção de jovem em lugar de adolescência, pensando particularmente na questão sob o ponto de vista coletivo. Na medida em que o objetivo aqui é o diálogo, será propositalmente mantida a duplicidade adolescência e juventude – ver H. Abramo, *op. cit.*, p. 14.
17. Abramo se apoia no trabalho realizado pelos pesquisadores do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), agrupado sob o título *Resistance Through Rituals*. H. Abramo, *op. cit.*; p. 35.
18. H. Abramo, *op. cit.*, p. 37.
19. Abramo se apoia em Mannheim para a definição, *op. cit.*, p. 47.
20. Ainda que fale sobre a juventude francesa, é significativa a semelhança com a brasileira – A. Müxel, "Jovens dos anos noventa: à procura de uma política sem 'rótulos'"; in *Juventude e Contemporaneidade*, *Revista Brasileira de Educação*, nº 5/6, ANPED, São Paulo, 1997, p. 151.
21. A. Müxel, *op. cit.*, p. 153, 157.
22. A. Müxel, *op. cit.*, p. 163, 165.
23. H. Abramo, "Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil", in *Juventude e Contemporaneidade*, *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, nº 5/6, São Paulo, 1997, p. 30.
24. Em Julho de 99, foi organizada nova versão para o conhecido festival de rock de Woodstock. Quase ao final das apresentações, quando no telão era transmitida a apresentação (antiga) de Jimi Hendrix de sua música *Fire*, deu-se início ao movimento de dezenas de jovens de atear fogo em carros, barracas, estruturas de madeira e outros materiais.